

## **Vale refletir: O trem é da Vale? A Indústria Cultural e o Projeto de Educação Patrimonial Trem da Vale**

**Ingrid Anastácia de Sousa** (Ufop) - [ingrid.anast@gmail.com](mailto:ingrid.anast@gmail.com)

**Rosany Cecília de Sena** (UFOP) - [rosany.sena@yahoo.com.br](mailto:rosany.sena@yahoo.com.br)

**Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão** (Ufop) - [carola.maranhao@gmail.com](mailto:carola.maranhao@gmail.com)

### **Resumo:**

*Em 2003, a mineradora Vale S.A. iniciou um projeto de revitalização do trecho ferroviário entre as cidades de Mariana e Ouro Preto, em Minas Gerais, atrelado a um programa de Educação Patrimonial como parte de um resgate da cultura local, abrindo espaço para a discussão sobre a forma como esta Educação Patrimonial se concretiza. Objetiva-se então, sob a luz da Teoria Crítica, investigar a existência de traços da Indústria Cultural no intitulado Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale, utilizando como orientação para a análise empírica a tese de Rüdiger (2004) referente aos esquematismos comumente encontrados nesta indústria. Para tanto, através da análise do discurso, optou-se por realizar uma análise preliminar de depoimentos dos coordenadores técnicos responsáveis pela implantação e gestão do programa. Apesar de sua importância na região, nota-se que o projeto tem estrutura, ou objetivo de uma educação patrimonial, mas não é exatamente para educar criticamente, ao considerar que a comunidade inserida no programa de educação patrimonial, não recebeu estímulos suficientes para despertar a consciência de um cidadão crítico, que está além de um cidadão comum que apenas figura na comunidade. Neste contexto, o arcabouço cultural nada mais é que um caminho para vender uma imagem e/ou um produto.*

**Palavras-chave:** *Trem da Vale; Indústria Cultural; Educação Patrimonial; Esquematismo.*

**Área temática:** *GT-17 Organização, Política e Cultura*

## Contextualização

A empresa Vale S.A. é uma das mineradoras de maior expoente em seu setor de atuação - a exportação de minério de ferro. Sua atividade mineradora é de relevante importância para a Região dos Inconfidentes, no estado de Minas Gerais, sobretudo para as cidades de Mariana e Ouro Preto. As atividades da empresa, tanto na vertente econômica, quanto na ambiental, estão diretamente ligadas à realidade dessas comunidades.

As cidades de Mariana e Ouro Preto são conhecidas - e reconhecidas - como verdadeiros valores históricos para o Brasil e para o mundo, tendo em seu conjunto arquitetônico a representação da arte e da História, não só de Minas, como também do país. Um valor histórico, porém não tangível, também faz parte da composição destas cidades e o patrimônio imaterial se soma ao material formando um valioso Patrimônio Cultural.

Inserida neste contexto, a mineradora Vale S.A. idealizou um programa de Educação Patrimonial com o objetivo de reativar as atividades da maria-fumaça (nomeada agora de Trem da Vale) como parte de um resgate da cultura local.

Após dois anos da inauguração do Trem da Vale, em 2008 o projeto passa a ser intitulado *Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale*, uma vez que o trem turístico seria apenas uma dimensão do programa, segundo seus idealizadores. O projeto além da recuperação e restauração de 18 quilômetros do trecho ferroviário entre as cidades de Mariana e Ouro Preto, tinha um viés cultural ligado à educação patrimonial buscando a “divulgação, conscientização, sensibilização relacionada ao tema patrimônio” (FUNDAÇÃO VALE, 2010, p. 220)

O projeto amparado pela Lei Federal de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura - Lei Rouanet nº 8.313/91, foi patrocinado e realizado pela Fundação Vale juntamente ao Santa Rosa Bureau Cultural, parceiro responsável pela concepção e execução do programa de educação patrimonial, ficando a operação dos trens a cargo da Ferrovia Centro- Atlântica, que até 2015 integrava o grupo Vale. O programa que se manteve entre 2006 a 2015 estava estruturado, basicamente, em três subprogramas, a saber (FUNDAÇÃO VALE, 2010):

- Vale Conhecer: compreendia ações pontuais nas escolas de ensino fundamental de Mariana e Ouro Preto com professores e alunos junto a funcionários do programa a fim de promover noções básicas do patrimônio cultural destas cidades. Englobava também a

formação de professores e ações com estudantes a partir da pré-adolescência em atividades nos espaços do trem;

- Vale Registrar: tratava-se da realização de registros audiovisuais, da produção e capacitação nas áreas de vídeo e atuação sobre a história oral dos moradores, a fim de criar um acervo histórico da região, sobre algum tema específico como mineração e ferrovia;
- Vale Promover: com cunho turístico, desenvolvia atividades nas estações voltadas para os turistas que faziam o passeio de trem ou que pretendiam conhecer os espaços, objetos e informações históricas ali expostas.

Contudo, considerando a complexidade e magnitude do conceito de Educação Patrimonial, para a sequência deste estudo, se faz necessária uma breve abordagem sobre o tema. Segundo Maltêz et al. (2010) o termo surgiu no Brasil em 1983 e em 1994 se consolidava a figura do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com a finalidade de zelar pela conservação e proteção do patrimônio brasileiro sob sua responsabilidade. (FLORÊNCIO et al., 2014).

De acordo com Florêncio et al. (2014) a Educação Patrimonial é constituída por todos os processos educativos formais - e não formais - que detém o patrimônio cultural como ator principal. E os processos educativos desta educação patrimonial devem buscar a construção coletiva e democrática do conhecimento, através do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, nas quais coexistem diversas noções de Patrimônio Cultural.

Neste sentido, a Educação Patrimonial pode contribuir de forma importante para a formação da identidade cultural do indivíduo, isto é, de sua capacidade de pensar e viver o bem patrimonial criticamente, assumindo também sua responsabilidade de reconhecimento, preservação e construção histórica. É proporcionando ao indivíduo a oportunidade de assumir o seu papel de cidadão, que vai além da natural inserção na comunidade, buscando se apoderar de seus bens e, conseqüentemente, de sua cultura como um todo.

Este cenário abre espaço para a discussão sobre a forma como esta Educação Patrimonial se concretiza, analisando-a à luz do conceito de Indústria Cultural. De fato não há problemas no investimento do setor privado, no caso da empresa Vale S.A., de recursos em programas de educação patrimonial, deve-se, no entanto, analisar as mensagens ideológicas que podem se apresentar emaranhadas neste tipo de ação.

## **Esquematismo de Rüdiger**

Conforme elucidado por Rüdiger (2004), o termo indústria cultural, cunhado pelos teóricos críticos Adorno e Horkheimer em dissonância ao conceito ideológico de cultura de massa, não se trata do conjunto de empresas produtoras ou das formas de difusão dos bens culturais, mas sim do processo histórico de transformação da mercadoria em um determinante da vida social, e por consequência, da cultura em mercadoria, ou seja, mais vale seu valor de troca/consumo do que seu valor de uso. O foco está no processo social e não exclusivamente no produto em si.

Assim, pode-se definir a Indústria Cultural como um “conjunto de práticas, de produção e consumo, através das quais se expressam as relações sociais que os homens entretêm com a cultura no capitalismo tardio” (RÜDIGER, 2004, p. 28).

As mercadorias culturais oriundas deste modelo industrial são estruturadas com base em determinados esquemas promocionais que as tornam atrativas e comercializáveis (RÜDIGER, 2004). Os esquemas não são impostos às pessoas, na verdade são impostos aos produtos da indústria cultural objetivando “tecer um véu ou levantar barreiras para a clara percepção de suas raízes” (RÜDIGER, 2004, p. 197) para impossibilitar uma visão que vá além do esteticamente aparente; o fetiche se sobrepõe ao real.

O autor destaca então os principais esquemas abordados por Adorno que podem ser comumente encontrados nas práticas da indústria cultural, a saber: padronização; pseudo-indivíduo; glamourização; hibridização; esportização; aproximação; personalização e estereotipagem (RÜDIGER, 2004).

A padronização refere-se às formas e estruturas dos produtos que apresentam as mesmas características de outros do mesmo gênero, ao mesmo tempo em que devem apresentar especificidades que os diferencie e torne possível sua comercialização, seria a ocorrência do esquema de pseudo-indivíduo.

A glamourização busca embutir aspectos promocionais que engrandecem até as mais simples características das mercadorias, como forma de desviar a atenção do sujeito da verdadeira essência ou intenção imersa nos bens culturais.

A hibridização refere-se ao agrupamento de gêneros associado ao produto cultural, que nos apresenta uma variedade de formas e/ou visões na qual determinado fenômeno pode ser apresentado buscando representar superficialmente uma variedade de consumidores.

No esquema de esportização as mercadorias passam a ser esquematizadas com base em “roteiros”, que definem todo um processo de estruturação e interpretação a ser seguido. O esquematismo de aproximação, através do consumo, atribui aspectos às mercadorias que fazem com que o sujeito sinta-se parte integrante de sua essência, tornando possível acessá-la de forma imediata e da maneira que desejar, apropriando-se desta como uma representação social e pessoal.

Já o esquema de personalização- que se entende como uma *des-historização*- refere-se à associação dos fatos a pessoas, isoladamente, desconsiderando todo o processo ideológico, político e cultural que culminou em sua ocorrência. O último esquema a estereotipagem, consiste em meios de apresentar o material cultural reduzindo sua complexidade e simplificando a compreensão dos seus significados.

A intenção do autor não é desenvolver uma tese positivista que visa suprimir e delimitar a indústria cultural a 8 categorias fixas, mas organizar aquelas estruturas estéticas que geralmente são identificadas em seus produtos. Aliás, ao reduzi-la a estes fenômenos, sem considerar seu grau histórico e dialético, estaríamos desenvolvendo um serviço da própria indústria cultural, que busca facilitar a assimilação e aceitação de seus produtos apresentando-nos um mundo pronto livre de questionamentos e reflexões.

## **Objetivo**

Objetiva-se neste artigo, sob a luz da perspectiva da Teoria Crítica, investigar a existência de traços da Indústria Cultural no Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale, utilizando como orientação para a análise empírica a tese de Francisco Rüdiger (2004).

## **Metodologia**

Para o desenvolvimento deste estudo descritivo analítico, utilizou-se a análise do discurso como método de investigação, para verificar se há vertentes da Indústria Cultural no Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale. Para tal, baseou-se no arcabouço teórico gerado pela revisão bibliográfica realizada sobre o tema, e tendo como referência de dados o livro “*Outras memórias, outros patrimônios: relato técnico do Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale*”.

Considerando os objetivos do estudo, optou-se por realizar uma análise preliminar dos depoimentos dos coordenadores técnicos responsáveis pela implantação e gestão do programa

entre os anos de 2003 e 2010 presentes em uma seção do livro, compreendida entre as páginas 216 e 357. Nesta seção, foram agrupados 8 profissionais que ocuparam uma posição-chave no processo de concepção, estruturação e implantação do projeto, para realizarem um balanço de suas experiências tendo como norte um roteiro com 24 questões. (FUNDAÇÃO VALE, 2010).

Primeiramente, realizou-se uma descrição factual de cada um dos depoimentos a fim de apresentar de forma sucinta a atuação de cada profissional no projeto. Em seguida, buscou-se identificar, por meio da análise crítica destes discursos, menções e/ou vertentes apontadas no texto que remetem às práticas da Indústria Cultural, tendo como norte a presença dos esquematismos da tese proposta por Rüdger no Programa de Educação Patrimonial desenvolvido no Trem da Vale.

## **Resultados**

Considerando a amplitude dos dados e a complexidade como estão apresentados, optamos neste estudo por discutir como vertentes da indústria cultural podem nos servir de apoio para analisar o Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale, à luz da Teoria Crítica.

Após a realização da análise de cada depoimento, identificou-se a presença de 7 esquematismos, que implícita ou explicitamente, são elucidados nos relatos analisados, são eles: padronização; pseudo-individualização; glamourização; aproximação; personalização; hibridização e estereotipagem.

Acredita-se que por se direcionar os depoimentos através de um roteiro de perguntas e por se tratar de relatos apenas de uma parte da equipe mais gerencial, estas experiências foram relatadas de forma mais ou menos similar apontando basicamente os mesmos desafios, obstáculos e conquistas culminando, de modo geral, na recorrência dos esquematismos citados anteriormente em cada discurso.

Apresenta-se abaixo no quadro 1 a identificação dos profissionais selecionados para compor a seção de depoimentos do livro.

**Quadro 1.** Informações sobre os profissionais que formaram o conjunto de depoimentos analisados.

Referência do Depoimento	Responsável	Função	Profissão
1º (Pág. 216 a 239)	Eleonora Santa Rosa	Idealizadora e coordenadora geral do programa e fundadora da produtora cultural Santa Rosa Bureau Cultural, empresa responsável pela concepção e gestão do Projeto Trem da Vale.	Comunicadora Social
2º (Pág. 240 a 269)	Jason Barroso Santa Rosa	Idealizador e consultor do programa que trouxe a ideia de inserção do tema Educação patrimonial, e supervisor do subprograma vale registrar, que consiste em registros audiovisuais e oficinas da história oral ligada ao patrimônio.	Arquiteto e Urbanista
3º (Pág. 270 a 291)	Isabela Vecci	Corresponsável pelo projeto arquitetônico e de restauração da linha e das estações do trecho ferroviário.	Arquiteta
4º (Pág. 292 a 303)	Emília Paiva	Coordenadora executiva do programa entre 2008 e 2010, responsável pela gestão do planejamento do projeto	Economista e Mestre em Planejamento Urbano
5º (Pág. 304 a 321)	Joseane Guerra Simões (Keka)	Coordenadora do núcleo de história oral do subprograma vale registrar.	Historiadora
6º (Pág. 322 a 335)	Juca Villaschi	Coordenador do programa de educação patrimonial entre 2006 e 2007, inicialmente responsável pela coordenação das ações de informação, sensibilização e envolvimento das comunidades.	Arquiteto e Urbanista
7º (Pág. 336 a 343)	Jaqueline de Grammont	Assessora pedagógica entre 2005 e 2008, responsável pela estruturação inicial do projeto de educação patrimonial.	Pedagoga e doutora em educação
8º (Pág. 343 a 357)	Luciana Lamounier	Coordenadora Operacional das estações, responsável pela implantação dos objetos cenográficos, dos equipamentos de multimídia e dos espaços.	Cineasta com ênfase em cenário e cenografia

**Fonte:** Elaborado pelos autores, 2016.

Os esquemas de padronização e pseudo-individuação estão intimamente ligados e presentes em todos os depoimentos, para os entrevistados o trem turístico seria apenas uma dimensão de um projeto muito maior, o de Educação Patrimonial, e é justamente este fator que o diferencia dos demais trens turísticos do Brasil, de acordo com o depoimento de Luciana Lamounier o Trem da Vale se destaca por “ter juntado ao turismo todo um programa de atividades para que a comunidade se aproprie dos espaços e os utilize da melhor maneira possível” (FUNDAÇÃO VALE, 2010, p. 351).

Nota-se que o esquematismo mais recorrente nos depoimentos é o da glamourização, no sentido de engrandecer a proposta do programa, por exemplo, em todos os depoimentos mencionam-se palavras como: inédito; inovador; único; diferente; complexo; exemplo; referência e ousadia ao se mencionar a proposta do programa como algo pioneiro no Brasil. Em seu depoimento Eleonora diz que para ela “o Trem da Vale é o único que pode ser chamado propriamente de trem turístico, histórico e cultural, voltado para a educação

patrimonial” (FUNDAÇÃO VALE, 2010, p.219), reforçando a característica de glamourização do programa.

O desenvolvimento de um esquema de aproximação era um fator primordial para a execução e sucesso do programa de educação patrimonial, pois havia uma necessidade de integrar a população de modo com esta se apropriasse deste projeto, por isso de acordo com Juca Villaschi, sexto depoimento, foi necessário estruturar e desenvolver uma “metodologia de aproximação” (FUNDAÇÃO VALE, 2010, p. 325) devido à resistência inicial da população.

A própria revitalização da ferroviária por si só já seria um fator de aproximação com a comunidade local ao considerarmos a importância e a história da ferrovia na cultura mineira, onde o trem é tido como patrimônio afetivo, conforme exposto no depoimento de Jason Barroso. Porém, acredita-se, que esta resistência da população pode estar pautada na imagem da empresa na região e pelo fato de que na concepção do projeto não houve um envolvimento da comunidade, uma vez que os primórdios do mesmo foram definidos por pessoas de outras regiões de Minas, nem mesmo os funcionários da Vale participaram deste processo.

O trecho revitalizado pelo programa em estudo, na realidade estava compreendido entre Miguel Burnier (distrito de Ouro Preto) e Ponte Nova onde se realizava transporte de passageiros e em um segundo momento, na década de 80, o trecho Ouro Preto-Mariana foi revitalizado apenas para fins turísticos. Porém, ambas as experiências não obtiveram sucesso, por isso o projeto Trem da Vale buscou apresentar uma proposta inovadora que envolvesse tanto moradores quanto turistas destas duas cidades. A opção de trabalhar com essas cidades que sofrem grande impacto com a atividade da organização e a própria denominação “Trem da Vale” nos remete a utilização do esquema de personalização, provocando uma ruptura histórica entre a comunidade e a atividade da maria-fumaça desenvolvida em sua gênese.

Em relação, ao esquema de hibridização percebe-se que o Trem da Vale apresenta uma coletânea de visões sobre temas ligados ao patrimônio, visando dar maior ênfase ao programa que estava sendo desenvolvido, como forma de apresentar à comunidade uma opção efetiva para a busca de seu empoderamento cultural, através de oficinas e atividades que enquadrassem os diversos públicos do projeto.

No que se refere ao esquema de estereotipagem a criação de roteiros e divisões do programa em eixos temáticos que buscam estruturá-lo de modo a facilitar a assimilação de seu conteúdo, contribuem para dar ao projeto ares de limitação, principalmente referindo-se a



História local, que é delimitada para ser mais facilmente entendida e apreendida. A complexidade deste projeto de educação patrimonial abriu espaço para que a estereotipagem dos processos educacionais fossem realizados com certa naturalidade durante o programa.

### **Conclusões**

Os esquematismos propostos por Francisco Rüdiger utilizados para direcionar as análises preliminares deste estudo são de relevante importância, contudo, não se pode deixar de fomentar a ideia de que não busca-se aqui reduzir ou positivar a análise crítica da Indústria Cultural aos esquemas propostos, e menos ainda reduzir o Programa de *Educação Patrimonial Trem da Vale* em um simples produto da Indústria Cultural, uma vez que os esquematismos não esgotam as características do fenômeno. Sabe-se que o programa vai, além disso, mas não seria ele também portador de traços desta Indústria Cultural, afastando-o de sua apresentação romantizada de fomentador puramente da cultura?

Já de início, o nome: “Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale”, apresenta-se como uma forma de fetichizar a proposta do trem, dado que as ações desenvolvidas no programa estão mais direcionadas para a preservação - de memórias e espaços - do que para formar agentes críticos, ao restringir o processo de educação patrimonial aos objetivos que se enquadram em sua “definição” de educação patrimonial.

Acredita-se que ao se trabalhar com esta metodologia de forma restrita, perde-se a oportunidade de formar indivíduos com capacidade crítica, enquanto cidadãos atuantes na comunidade. Assim, as pessoas não tomam consciência, por exemplo, de como a Vale se apropria e explora seus bens sejam eles ambientais ou patrimoniais, como a figura da maria-fumaça, que foi reduzida e caricaturizada apenas como o Trem da Vale, deixando de lado (ou omitindo-se) para as pessoas que desconhecem a história do transporte feito por ela décadas atrás, o valor histórico deste bem.

O projeto tem estrutura, ou objetivo de uma educação patrimonial, mas não é exatamente para educar criticamente o cidadão. Estudos críticos como este não visam menosprezar, e tão pouco, não reconhecer a importância e o valor de um projeto como este, em uma região carente de projetos que inspirem o reconhecimento do bem patrimonial (material e imaterial) como sendo propriedade de cada indivíduo, e não apenas responsabilidade de órgãos governamentais.

Neste sentido, reflexões sobre a forma como se configurou o Projeto de Educação Patrimonial Trem da Vale se fazem necessárias. Apresentado como um apêndice do programa, o Trem da Vale acaba por se tornar protagonista, um produto fim que contribui para alavancar a imagem da empresa. Um sinal de que a educação patrimonial ficou em segundo plano é o fato de que, no momento de crise, a empresa encerrou o Programa de Educação Patrimonial e manteve apenas o passeio turístico. O arcabouço cultural nada mais é que um caminho para vender uma imagem e/ou um produto.

Através dessas análises preliminares, expõe-se que a comunidade inserida no programa de educação patrimonial, não recebeu estímulos suficientes para despertar a consciência de um cidadão crítico, que está além de um cidadão comum que apenas figura na comunidade. Esse cidadão questiona as relações sociais e a sociedade em que vive, observando o seu dever de conhecer, valorizar, preservar e difundir o bem e a memória cultural. É preciso apreender a concepção de que uma Educação Patrimonial deteriorada contribui efetivamente para a disseminação da herança da Indústria Cultural, tornando-se apenas mais uma vertente para fortalecer-la.

## **Referências**

FLORÊNCIO, S. R.; CLEROT, P.; BEZERRA, J.; RAMASSOTE, R. **Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos**. Brasília, DF: IPHAN, 2014. 65p. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat\\_EducacaoPatrimonial\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/EduPat_EducacaoPatrimonial_m.pdf)> Acesso em 20/04/2016.

FUNDAÇÃO VALE. **Outras memórias, outros patrimônios: relato técnico do Programa de Educação Patrimonial Trem da Vale**. Belo Horizonte: Fundação Vale. Rona, 2010

MALTÊZ, C. R.; SOBRINHO, C. P. A.; BITTENCOURT, D. L. A.; MIRANDA, K. R.; MARTINS, L. N. **Educação e Patrimônio: O papel da Escola na preservação e valorização do Patrimônio Cultural**. Pedagogia em ação, v.2, n.2, p.39-49, nov. 2010.

RÜDIGER, F. **Theodor Adorno e a Crítica à Indústria Cultural: comunicação e teoria crítica da sociedade**. 3ª Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.